

Entrevista com o professor Guilherme Pessoa Júnior sobre Práticas Corporais e Esporte nas Aldeias da Região Tocantina

Interview with professor Guilherme Pessoa Júnior about Body Practices and Sports in the Villages of the Tocantins Region

Entrevista al profesor Guilherme Pessoa Júnior sobre Prácticas Corporales y Deportes en las Aldeas de la Región de Tocantins

Fabio José Cardias Gomes

Universidade Federal do Maranhão (Imperatriz)
fabio.cardias@ufma.br

Guilherme Pessoa Júnior

Universidade de Ensino Superior do Sul do Maranhão
gpi@gmail.com

Resumo: Entrevista realizada em vinte e cinco de junho de dois mil e vinte e três (25/06/2023) com um profissional e professor de Educação Física com uma experiência de mais de quarenta anos nas aldeias dos povos indígenas da região tocantina, próximas aos rios Tocantins e Araguaia. A entrevista de meia hora permitiu registrar nuances marcantes, como: a prática da corrida de tora desde os anos 80, o futebol indígena existir antes do futebol moderno e sua prática com bola de látex da mangaba, a condição de serem bons nadadores mesmo tendo sido violentamente retirados de territórios beira-rio, quando eram pescadores. A vivência de mais de 44 anos de indigenista e amante dos esportes indígenas dos povos da sua região nos ensina que ainda há muito a se conhecer, estudar e pesquisar

sobre o tema desse dossiê: o esporte entre as etnias diversas e suas mais variadas práticas corporais.

Palavras-chave: Professor Guilherme Pessoa. Práticas corporais indígenas. Região tocantina.

Abstract: Interview conducted on June 25, 2023 (06/25/2023) with a professional and Physical Education teacher with over forty years of experience in the villages of the indigenous peoples of the Tocantins region, close to the Tocantins and Araguaia rivers. The half-hour interview allowed us to record striking nuances, such as: the practice of log racing since the 1980s, indigenous soccer existing before modern soccer and its practice with a latex ball from the mangaba tree, the condition of being good swimmers despite having been violently removed from riverside territories, when they were fishermen. The experience of over 44 years as an indigenist and lover of indigenous sports of the peoples of his region teaches us that there is still much to know, study and research on the theme of this dossier: sports among diverse ethnicities and their most varied physical practices.

Keywords: Professor Guilherme Pessoa. Indigenous physical practices. Tocantins region.

Resumén: Entrevista realizada el 25 de junio de 2023 (25/06/2023) a un profesional y profesor de Educación Física con más de cuarenta años de experiencia en las aldeas de los pueblos indígenas de la región de Tocantins, próximas a los ríos Tocantins y Araguaia. La entrevista de media hora nos permitió registrar matices llamativos, como: la práctica de carreras de troncos desde la década de 1980, el fútbol indígena existente antes del fútbol moderno y su práctica con una pelota de látex del árbol de mangaba, la condición de ser buenos nadadores a pesar de haber sido expulsados violentamente de territorios ribereños, cuando eran pescadores. La experiencia de más de 44 años como activista indígena y amante del deporte indígena de los pueblos de su región nos enseña que aún hay mucho por conocer, estudiar e investigar sobre el tema de este dossier: el

deporte entre diversos grupos étnicos y sus más variadas prácticas físicas.

Palabras clave: Profesor Guilherme Pessoa. Prácticas corporales indígenas. Región de Tocantins.

Entrevista

Local da entrevista: Universidade Federal do Maranhão (UFMA-Imperatriz), Imperatriz-Maranhão, 25/06/2023. Gravado com o consentimento do professor-entrevistado em gravador de áudio de celular pessoal do professor-entrevistador.

Prof. Fabio Cardias: Professor Guilherme, obrigado pela oportunidade de realizar essa entrevista para o dossiê Etnoesporte e Jogos Tradicionais indígenas, da revista Territorial, sediada na Universidade Estadual de Goiás (UEG). Essa entrevista é importante para expressar a experiência do senhor com os povos indígenas daqui da região tocantina, sudeste do Maranhão. Eu gostaria que você se apresentasse e falasse da sua formação e relatasse a sua experiência, as mais significativas com povos indígenas, em relação com as práticas corporais e esportivas nas aldeias.

Prof. Guilherme Pessoa: É! Bom dia!...eu me chamo Guilherme Pessoa Júnior, eu trabalho com Educação Física há 40 anos, na verdade mais tempo, e eu comecei a ir para as aldeias por curiosidade para conhecer a cultura né!

Prof. Fabio Cardias: Em que ano você foi na aldeia a primeira vez?

Prof. Guilherme Pessoa: Em 1980, no grupo de teatro, para a gente discutir um texto de teatro e ter a vivência com os povos indígenas, aí de lá foi um encanto porquê conheci na prática né, no coletivo a vivência na aldeia, coisa que a gente que mora na cidade não conhecia. E nos anos 80 era mais rústico né, todo mundo casa de palha, e de lá pra cá, de 1980 a gente continuou indo, porquê fui adotado por uma família que me batizou, o seu Renato Krikatí e dona Teresa Krikatí, que até hoje eu continuo com os vínculos, ainda mais forte, porque sempre eu estou indo na aldeia para conhecer mais ainda a cultura indígena e estar presente, porque se tornou uma família de verdade, há uns 44 anos.

Prof. Fabio Cardias: Qual o seu nome de batismo na cultura Jê?

Prof. Guilherme Pessoa: “Athulré”, palavra em relação à uma planta, a embaúba branca, em português, e na cultura indígena ela se trata do papel da embaúba que é a árvore semeadora, como se fosse uma fênix, que na verdade os estudos apontam que, após uma queimada as primeiras plantas que nascem é a embaúba.

Prof. Fabio Cardias: E você tem nome na cultura Guajajara, em tupi?

Prof. Guilherme Pessoa: Tenho, é Ze’hara, que é juçara (açai maranhense), e nos Canela (Jê) é Taipan, que é viajante, e no Gavião eu não lembro agora.

Prof. Fabio Cardias: Como foi a sua recepção por eles, e qual foi sua impressão deles nas primeiras experiências?

Prof. Guilherme Pessoa: É encantadora essa questão, a pessoa que nos levou é do município de Montes Altos, a Graça Ferraz, que já tinha vivência na aldeia com essa mesma família Krikatí. Mas, em síntese, todo mundo é muito bem recebido. Essa questão da hospitalidade do brasileiro, ela vem muito dos povos indígenas. Eu achava que era somente dos povos africanos, mas na convivência com as outras aldeias, a hospitalidade é uma característica forte dos povos indígenas. De acolher bem, de saber como você está!? De ser tratado em foi desde o princípio. Pela Graça que já conhecia a família porquê é uma questão natural, atender bem, falar bem, conversar, receber, mostrar a cultura. Eles fazem questão de se manter vivo com esta identidade de bondade, sem maldade. Por isso que se eliminaram muitas etnias, por que eles não vê maldade nos brancos, e eles continuam a garantia de acreditar no ser humano, ao que todos são bem-vindos nas aldeias.

Prof. Fabio Cardias: Como professor de Educação Física, o senhor percebeu de imediato ou ao longo do tempo as questões das práticas corporais e esportivas?

Prof. Guilherme Pessoa: Primeiro a questão do impacto da cultura, porquê a cultura está vinculada totalmente ao esporte, né, que tudo se relaciona com a corrida da tora, mas tem a dança do fogo, tem os rituais todos que estão incorporados, e o que me chamou a atenção no início foi eu ficar impressionado com o tamanho daquela tora e a quilometragem da

corrida. Mas antes, eu ficava só no pátio e nunca acompanhava a corrida até o final, por que eu achava que estava sendo invasivo, ficava somente próximo das família que esperava o fim da corrida no grande pátio central, é, para não parecer muito folgado, por ter acabado de chegar, mesmo o pessoal chamando, mas eu achava que tinha que ficar. Mas com o tempo eles fazem o teste com a gente pra ver se você consegue levantar o peso da tora, é comum. Mas o que me chamou a atenção foi a cultura, eu fui para assistir as danças vespertinas e noturnas e tudo o mais. Logo no outro dia cedinho, eu fiquei impressionado com o tamanho da tora, com a rivalidade, uma rivalidade entre as duas equipes, são sempre duas equipes, que é divertida, você se diverte o tempo todo

Prof. Fabio Cardias: Você procurou aprofundar como é que funciona a questão das duas metades, os dos dois partidos em relação com a tora? O que mais lhe chamou a atenção no cerimonial da tora? Ela é relacionada com o que, com o luto, com o casamento, com festas gerais, fale um pouco mais da sua observação da corrida de tora?

Prof. Guilherme Pessoa: A tora ela é uma forma de homenagear a pessoa que partiu, eles acreditam nisso, que a pessoa partiu, mas não morreu, não deixou de existir, existe de outro modo, ela foi para um lugar determinado dentro da cultura. E aí, eu ficava impressionado, inicialmente, com a grandeza da festa, todo mundo se envolve, toda a aldeia se envolve, todo mundo se pinta. É uma preparação de quase um mês, eles correm primeiro com a tora de árvore de buriti ao redor do pátio, e só no último dia eles correm com a tora da árvore barriguda (samaúma), a samaumeira. E todo o envolvimento da aldeia é muito cativante né. Tem a confecção da tora, tem que derrubar a planta, tem o treinamento ao longo de trinta dias, é muito impressionante. A média do peso em quilo da tora de buriti é 80 a 100 quilos, e todo dia eles correm, as duas equipes.

Prof. Fabio Cardias: Há quanto tempo que você frequenta as aldeias?

Prof. Guilherme Pessoa: Nos Krikatí, principalmente, desde os anos 80'. Foi em julho de 1980 que a gente foi lá para fazer um laboratório né, e desde lá eu continuei vindo, há 44 anos, certinho.

Prof. Fabio Cardias: Além da corrida de tora, quais outras práticas corporais o senhor observou nos territórios?

Prof. Guilherme Pessoa: A corrida de varinha, eu acho que é um ensaio para a corrida de tora. Era mais com criança, mas agora eles incorporam todas as faixas etárias. É um ensaio de treinamento de velocidade e também de conjunto de equipe, pois eles trabalham em equipe. É uma preparação e uma forma de garantir a cultura e o esporte, mas a corrida da varinha está presente em ritual do povo Gavião, que é um ritual muito bonito que tem prática de esporte que envolve também subir num mastro bem grande, derrubar objetos, e depois segue com a corrida das abelhas, que é uma encenação, depois tem a corrida da varinha e apresentação do Gavião, tudo vinculado à prática corporal.

Prof. Fabio Cardias: De onde vêm a vocação do povo Jê, em especial, para as práticas corporais e esportivas? É ancestral ou foram se adaptando às práticas mais recente? Sempre foram corredores?

Prof. Guilherme Pessoa: São indígenas corredores, com prática de corrida milenar, do povo Jê, genuinamente brasileiro, e essas práticas são do povo Jê, em todos os territórios. Então, eles conseguiram se fortalecer como cultura e como esporte, nesses milhares de ano. A origem inicial nós não temos muito aprofundamento, mas é milenar. Por quê, de quê? a gente nunca vai saber.

Prof. Fabio Cardias: E o futebol? É uma prática presente nas aldeias?

Prof. Guilherme Pessoa: O futebol é como se fosse Fla x Flu, todo dia tem futebol, de manhã, de tarde e de noite. Quando tem as competições as aldeias se organizam a ponto de estar bem uniformizado, com torcida e muito levado a sério. A competitividade do futebol é mais acirrada que a da corrida de tora. Porque as torcidas vão ao delírio. Tem o histórico de jogos na cidade de Amarante, com os times que vão jogar na cidade, que após terminarem as competições, tudo, por falta de lealdade dos juizes, que geralmente são brancos, eles vão para briga (risos). Porquê no esporte eles não gostam de se sentirem trapaceados, eles acham correto brigar pelos direitos mínimos que envolvem sua humanidade.

Prof. Fabio Cardias: Existe alguma preparação de treinamento nativo? As práticas da corrida de tora e o futebol estão interrelacionadas?

Prof. Guilherme Pessoa: Não. O ritual da tora é específico, se preparam por um mês, até chegar o dia da festa. O futebol não, eu acho que é uma prática outra. Mas na verdade, eu acredito que os povos indígenas já conheciam o futebol há séculos, porque o látex anteriormente, que era retirado da mangaba, eu já ouvi os avós comentando que os antigos faziam a bola do látex da mangaba para eles brincarem, os Krikatí e os Gavião. Se eles já faziam isso, é porque essa bola já existia. Muito depois eu li sobre a história do pneu no Brasil a primeira tentativa de retirar o látex foi da mangaba, e só depois da seringueira. Mas o pé da mangaba é muito pequeno, não permitia maiores quantidades, porém, os indígenas já utilizavam o látex da mangaba há muito tempo.

Prof. Fabio Cardias: Muito interessante esse dado, nunca foi pesquisado!? Você obteve essa informação dos idosos?

Prof. Guilherme Pessoa: Sim, dos idosos.

Prof. Fabio Cardias: Eles têm alguma preparação para o futebol? Patrocínio? De onde vem esse interesse pelo futebol moderno?

Prof. Guilherme Pessoa: Futebol é hoje uma questão até de honra, todas as aldeias tem seus times. Eles começam como prática do dia a dia, descobrem as habilidades que tem, mas acredito que eles já jogam com bola de látex de mangaba com as regras próprias. Eles se organizam, fazem a vaquinha para comprar as camisetas, uniforme, e quando há torneios durante o ano, é sempre uma festa entre os Jê, mas entre os Tupi também.

Prof. Fabio Cardias: O senhor como professor de Educação Física e especialista em natação, esses povos eram nadadores? Eles perderam essa relação com o rio Tocantins (e o rio Araguaia) após os assentamentos violentos, longe dos rios?

Prof. Guilherme Pessoa: Os históricos e os achados arqueológicos na margem do rio Tocantins são gigantes. Uma amiga socióloga, a partir do Nimuendajú, já observou relatos que os povos faziam as festas nas beiras dos rios. Comiam muito peixe. O fundador de Imperatriz, Frei Manoel Procópio, veio para cá para pegar os indígenas para extração da seringa, para escravizar em Belém. Há muitas cerâmicas, finas, bem elaboradas, nas beiradas dos rios e com a chegada do homem branco foram expulsos, eram

nadadores. Fizemos trabalhos voluntários com alguns, que passaram por mim e chegaram no campeonato maranhense entre os melhores nadadores de peito, eles têm o pé bem atarrachado e são grandes nadadores de peito, vários que passaram por mim, ao menos uns oito indígenas.

Prof. Fabio Cardias: Você acha que a cultura indígena ao redor do município de Imperatriz e região é bem aproveitada na educação escolar local, em relação às leis 10.639/2003 e 11.645/2008 e o letramento ético-racial, ou se observa preconceito?

Prof. Guilherme Pessoa: Nos últimos 04 anos, 08 anos, houve um retrocesso muito grande. Mas quando eu comecei a ir nas aldeias, desde a década de 80, o curioso, que eu não sabia era o tanto de aldeia ao redor de Imperatriz, que chega a mais de 300, há poucos quilômetros daqui da cidade, mens de 100 km daqui, a 136 km, em Amarante, só Guajajara tem mais de 200. Krikatí tem 15 aldeias, povo Gavião tem umas 20, misturados com Guajajara. Como se algo em outra dimensão fosse, a existência das aldeias, o espanto das pessoas é até hoje: ah tu vais na aldeia...eu respondia: mas o que que tem, gente?? Aqui, Imperatriz, era antes uma aldeia e depois frequentado por indígenas. Mas na concepção do povo, até de educadores, é uma visão tridimensional, ou seja, é outra dimensão a existência indígena aqui. Depois que começamos a levar estudantes desde os anos 90, nas aldeias, de ensino médio e superior, teve um entendimento, entre aspas, um entendimento não tão real, mas um entendimento mínimo e respeito pelos povos indígenas.

Prof. Fabio Cardias: Escolas, faculdades, turmas, você já apadrinhou muitos alunos e pessoas, em levar nas aldeias?

Prof. Guilherme Pessoa: É, levamos alguns professores, do ensino médio, em 1994-95, algumas pessoas da universidade iam, até 2000 iam, em 2016 e 2017 levamos 300 estudantes e professores, junto comigo. A parceria com o pessoal das universidades, parceria com o curso de história, serviço social. Os professores da Universidade Estadual do Maranhão também já faziam isso, e a professora de lá já fazia isso também. Víamos que quando a pessoa conhece na prática, a pessoa passa a ter um respeito maior. Há relatos e de pessoas que são interessantes, tem pessoas que tem parente indígena, raízes, então conhece na prática uma aldeia foi

interessante pra elas. Apesar que mudou muito né, as casas são de alvenaria, algumas de palha, do tipo do Programa Minha Casa, Minha Vida, mas ainda dormem em casa de palha. Perdeu a essência entre aspas, porquê o indígena também tem que ter o conforto acessível, as condições de morar na casa normal, não é obrigado a morar em oca. Mas quando a gente começou a frequentar as casas, 90%, eram todas de palha. É romântico, mas o conforto com banheiro, ir no mato sem medo, um dia desse morreu uma senhora que foi no mato e a cobra picou, isso acontece constantemente, uma casa com o mínimo de conforto, já evita isso. Melhorou entre aspas, as políticas públicas a visão que as pessoas tem dos povos indígenas. A atual ministra atual do Meio Ambiente, como ela coloca que os maiores guardiões das florestas são os povos indígenas, por que eles só plantam o necessário e colhem o necessário. Isso é a visão que ela passa e tem que bater nessa tecla direto né, porque sem o meio ambiente protegido, a Natureza, a gente tem o planeta destruído.

Prof. Fabio Cardias: A situação econômica dessas comunidades, são precárias? Como eles conseguem material esportivo, por exemplo?

Prof. Guilherme Pessoa: É muita precariedade, pobreza. Todo ser humano tem o seu ápice, se cuida, se planta, mas perderam, eles teriam uma vida melhor se parasse de comprar na cidade, pois o que recebem não dá pra nada, só dá pra comprar o básico do básico, é uma precariedade muito grande, é uma miséria, na verdade, cruel do povo brasileiro.

Prof. Fabio Cardias: E mesmo assim, nessa precariedade, eles têm o prazer de praticar esportes?

Prof. Guilherme Pessoa: A felicidade de praticar é um ponto crucial, por que você vê a alegria nas aldeias, não tem uma lamentação, o que passou, passou. O apoio ao esporte é muito pouco, eles não têm seus vereadores, seus representantes municipais, e até estadual.

Prof. Fabio Cardias: O que você diria a um profissional de Educação Física sobre a importância de conhecer as práticas corporais e esportivas dentro do território? Ao apoio a um atleta indígena? O que você recomendaria à formação de pessoas e jovens profissionais da Educação Física? A importância das comunidades e práticas corporais indígenas?

Prof. Guilherme Pessoa: O profissional que tem essa abertura e os seus alunos, ele pode inserir o conhecimento de práticas fortes, com raiz étnico-cultural. O profissional, as universidades, que pudessem fazer isso, levar às comunidades, fortaleceriam as culturas indígena e a cultura brasileira. Profissionais iam ter muito conhecimento, e iam contribuir bastante tanto na região ou qualquer parte do Brasil.

Prof. Fabio Cardias: Você ainda tem acompanhado o movimento esportivo local e tem ido nas aldeias atualmente?

Prof. Guilherme Pessoa: A gente tem o desejo de poder fazer organização de jogos, não mini jogos, mas grandes jogos, tem o arco e flecha, corrida de tora, futebol, como é melhor organizado no Pará, como aqui do lado muito bem organizado pelo povo Gavião do Pará, o Maranhão nunca organizou. A gente gostaria muito que houvesse essa possibilidade dos povos indígenas em geral, porque o esporte é uma forma de confraternização mais pura que tem. E os Jogos Mundiais Indígenas, eu assisti pela televisão, foi em Palmas, mas era muito atribulado com a equipe de competição de natação, estávamos no ranking maranhense, eu não parei nem um dia, um final de semana em Palmas. Eu, até hoje eu ainda me cobro muito nas competições, era muito caxias, mas estou muito mais light nesse aspecto. Mas eu espero que se organize novamente os Jogos Indígenas Mundiais, que é uma forma de comemoração muito bonita e tem uma amplidão para quem não tem o mínimo de conhecimento sobre os povos indígenas, até indígenas de outros países, como do Japão, do Canadá, que a gente pensava que foram todos exterminados, mas tem. É respeitar as etnias, a diversidade étnica, municipais, estaduais, os Jogos é uma forma de respeito ao ser humano.

Prof. Fabio Cardias: Muito obrigado, professor, o senhor gostaria de acrescentar mais alguma observação?

Prof. Guilherme Pessoa: Olha, quem tiver a oportunidade de conhecer, qualquer etnia, é interessante na prática, é riquíssimo conhecer, ir na aldeia, é uma experiência ímpar. Todos os povos indígenas do Brasil são receptíveis, desde que você chegue com respeito, com as autorizações que possivelmente possam ter que ter. São seres humanos, humanos mesmo!

Prof. Fabio Cardias: Agradeço muito a sua disponibilidade para essa entrevista!

Prof. Guilherme Pessoa: Eu quem agradeço, tem muitas histórias para contar, mas depois continuamos. Muito obrigado!



Fotos 1 e 2 - Entre os povos indígenas

Fonte: Arquivo do professor Guilherme Pessoa.

Fabio José Cardias Gomes

Possui graduação em Psicologia pela UFPA (2001), mestrado em Saúde e Ciências do Esporte pela Tsukuba University/Japão e doutorado em Educação pela USP (2012). Atualmente é professor associado na graduação e pós-graduação da UFMA (2010-ativo), tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em educação, saúde mental, esporte e jogos tradicionais, atuando principalmente nos seguintes temas: artes marciais, preparação psicológica clínica, psicologia junguiana e etnografia (etnosaberes, etnoesporte) dos mitos, ritos, práticas corporais e a construção da pessoa-corpo-território entre povos indígenas e comunidades tradicionais, populares e cabocas na Amazônia.

E-mail: fabio.cardias@ufma.br

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/0895767024534705>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2304-9643>

Guilherme Pessoa Júnior

Licenciado em Educação Física pela Universidade de Ensino Superior do Sul do Maranhão (UNISULMA), em 2008. Pós-graduação em Treinamento Desportivo na Universidade Almeida Vieira, em 2010. Pós-graduação em Acupuntura - Medicina Tradicional Chinesa, pelo Instituto Oriental de Curitiba, em 2012-2014. Criou o comitê Maranhense de Defesa das Causas Indígenas, em 2015, que realiza em vigor o Projeto hortas e pomares nas aldeias do Maranhão, o curso de Agroecologia em parceria com a ONG. Faça Parte, desde 2019, a ação Florestaço: eu plantei eu faço! em parceria com a Associação Paraense de Agroflorestaço nas aldeias do Maranhão, 2025. Especialista em natação de 8 as 14 anos e equipes de alto rendimento, de 1992 a 2025.

E-mail: gpi1203@gmail.com

Recebido para publicação em novembro de 2024.

Aprovado para publicação em fevereiro de 2025.